



A ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA E SÓCIO-POLÍTICA DO ASSENTAMENTO CALIFÓNIA E OS GRANDES PROJETOS EM DESENVOLVIMENTO NA REGIÃO DE AÇAILÂNDIA- MA

Maria Divina Lopes¹

Introdução

A história da humanidade traz as marcas dos conflitos e disputas em defesa da terra e territórios, materiais e imateriais, em âmbito local e global. Essas disputas e conflitos têm sido narrados e analisados mundialmente por estudiosos e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Todavia, os estudos que tratam da questão da terra, trazendo seus significados histórico, político, religioso, econômico e cultural, para os diferentes grupos sociais que nela habitam, são pouco socializados.

Alfredo Wagner Almeida (2009), evidência que vem se acirrando as contradições entre os que se relacionam com a terra como um meio de vida e garantia da produção e reprodução da existência, da família e grupo social ao qual pertence em todas as dimensões e aqueles que veem a terra como mercadoria, da qual tem que extrair lucro, concentrar riqueza e poder.

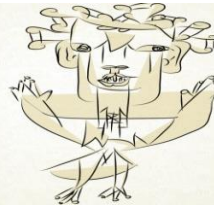
Há também a própria história da humanidade, marcada pelos processos de transformações ocorridas ao longo dos tempos, que nos últimos séculos foram pautadas pela utopia da modernidade. Segundo Mauro Almeida (2007), "...a categoria de "campesinato" permitia substituir uma enorme variedade de objetos locais sob uma única linguagem teórica, a de uma narrativa do atraso para o progresso: contra ou a favor dele. A teoria do campesinato é parte de uma história de modernização".

Diante da questão a cima, cabe problematizar, o que se tem no contexto atual como pensamento hegemônico em torno do que seja moderno, "progresso e desenvolvimento" e diante dessa lógica pensar que relações são estabelecidas no tocante a terra, trabalho, família, alimento, troca, tempo...

Os grupos sociais que não veem a terra como mercadoria, que concebem o trabalho como arte e um meio de garantir à satisfação de necessidades, que não organizam famílias na forma de unidade produtiva para o capital, que não ver a produção de alimento como um meio de obter lucro, a troca como meio de lucrar e o tempo como meio de maximizar os lucros, são acusados de estarem impedindo o progresso e o desenvolvimento da nação.

Neste sentido, diante do paradigma da modernidade, do progresso e desenvolvimento, as populações que vivem,

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: divina.lopes@gmail.com



produzem a existência e se reproduzem socialmente no campo, com a perspectiva de preservar sua cultura e suas diferentes formas de existir, são vistos como atrasados por não visarem o lucro e o consumo desenfreado como motores de suas vidas. “ Isso ocorre porque os meios de produção não representam para o campesinato uma forma de produzir lucros, mas um meio de garantir a subsistência e, eventualmente, alguma melhora na condição social” (BARTRA, 2011, p. 37).

Esses grupos sociais (indígenas, quilombolas, ribeirinhos, povos das florestas, assentados de algumas regiões...) conscientes ou inconscientemente estão resistindo e confrontando a ordem estabelecida, sendo por isso, penalizados, massacrados e muitas vezes, expulsos dos seus territórios.

Cabe enfatizar, que o pensamento hegemônico do que é moderno e desenvolvido, confunde, até mesmo os movimentos sociais que lutam por um mundo igualitário, respeitando as diferenças. Algumas vezes estas organizações preparam ações e reivindicam demandas que os levam a integrar-se ao mundo globalizado pela hegemonia do capital sem a perspectiva da resistência.

Em busca de compreender melhor as formas hegemônicas das relações capitalistas no campo e as tentativas de existência e resistência dos camponeses é que observaremos de forma mais consistente a experiência do Assentamento Califórnia no Maranhão. Em busca de apontar que cada luta, cada demonstração de resistência, cada ação criativa de confrontação a ordem perversa do sistema capitalista, em defesa da vida, da natureza, repõe a convicção de que de que é necessária a luta e organização dos trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade para romper com a estrutura desigual que sustenta esta sociedade.

A organização produtiva e sócio-política do assentamento e os grandes projetos em desenvolvimento na Região.



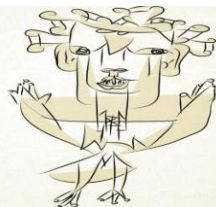


O Assentamento Califórnia, localizado no município Açailândia, Maranhão, é fruto da luta de trabalhadores organizados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Maranhão. Estado que se destaca por possuir uma rica biodiversidade, abrangendo vários biomas naturais dentre os quais se encontra a Amazônia. Apesar das riquezas naturais, não há no estado políticas públicas ou projetos que visem o desenvolvimento das populações locais.

O Estado do Maranhão situa-se na Região Nordeste, ocupando uma área de 333.365,6 Km², possuindo uma estrutura política constituída por 217 municípios e uma população de 6.575.589 habitantes segundo o censo do IBGE 2010. Desse total, 48,8% vivem na zona rural. É tido como um dos estados de maior população rural do país, porém com uma estrutura fundiária fortemente concentrada, além de ter o poder político, econômico, judiciário e midiático controlados por um pequeno grupo que se perpetua no poder há mais de quatro décadas. Apesar do potencial agrícola e pesqueiro e dos vastos recursos naturais, o Maranhão ocupa os piores lugares nos indicadores sociais. O Índice de Desenvolvimento Humano é um dos mais baixos do país (0,647).

O Assentamento Califórnia, é parte desse contexto. Situa-se as margens da BR-010 (Belém-Brasília), principal via de acesso ao município de Açailândia. Região pré-amazônica, sul do estado do Maranhão, parte das regiões maranhenses marcadas pela expansão dos grandes projetos com base na pecuária e no extrativismo vegetal e mineral.

Açailândia tem pouco mais de cem mil habitantes, muitas famílias foram expulsas do campo e vivem nas periferias da cidade. Seu principal segmento econômico é a pecuária e a indústria siderúrgica. Após o ano de 2002 o município passou a ocupar o posto de terceira



maior economia do Maranhão. Porém a riqueza encontra-se concentrada nas mãos de poucos, isso se reflete na precária qualidade dos serviços públicos e na ineficiente infraestrutura que é disponibilizada para a população.

A ocupação da fazenda Califórnia com aproximadamente 300 famílias se deu no dia 25 de março de 1996. Período em que o município já vivenciava o pleno desenvolvimento do Programa Grande Carajás (PGC), criado pelo Governo Federal em 1980. O PGC serviu de base para instalação do setor siderúrgico na região.

Atualmente em Açailândia encontram-se cinco empresas siderúrgicas: Viena Siderúrgica (capital próprio, em operação desde 1988), Simasa e Pindaré (Grupo Queiróz-Galvão, 1993), Gusa Nordeste (Grupo Ferroeste, 1993), Fergumar (Grupo Aterpa, 1996). São nessas empresas que o minério que vem de Carajás no Pará é transformado em ferro-gusa para exportação. Para o aquecimento dos fornos, as siderúrgicas utilizam o carvão vegetal, que atualmente é feito do eucalipto.

O assentamento Califórnia encontra-se atualmente cercado por extensas plantações de eucaliptos. Para ilustrar um pouco mais o atual contexto, vale mencionar os projetos que estão em seu entorno. Alguns iniciaram seu processo de implantação antes da consolidação do assentamento. À exemplo do projeto de Celulose do Maranhão (CELMAR) do ano de 1996, cujas pretensões e argumentos da época seriam os de construir uma grande indústria de produção de celulose que garantisse emprego e renda à população da região.

Nos anos de 1996 a 2010 o referido projeto CELMAR, após ter se apropriado para o plantio de eucalipto, de terras férteis e bem localizadas, se converteu de possível produção de celulose para produção de carvão. O destino da produção de carvão tem sido nutrir os fornos das grandes siderúrgicas do município que fazem o processamento do minério de ferro pertencente à empresa Vale. Com o surgimento de um mercado promissor, a transformação de eucalipto em carvão cresce na região.

A Vale é considerada a principal empresa do município, ligada a ela estão as siderúrgicas e as carvoarias industriais que transformam o eucalipto em carvão. Uma dessas carvoarias foi instalada a aproximadamente 300 metros do Assentamento Califórnia, funcionou em pleno vapor de 2005 a 2012. Após muita luta da comunidade, organizadas pelo MST com apoio das organizações de luta do município, a carvoaria passou a funcionar com apenas 30% da sua capacidade, porém, as famílias do assentamento já estavam fortemente impactadas pelo chamado “progresso”.



Atualmente o assentamento Califórnia possui cerca de 170 famílias assentadas², aproximadamente 50 famílias agregadas³ vivendo na comunidade. A distância para a sede do município é de 14 km. Ainda no período de acampamento as famílias definiram que levantariam os barracos o mais próximo possível da BR-010 para facilitar-lhes o deslocamento e segurança. Essa decisão influenciou posteriormente para que a agrovila⁴, após ser criado o projeto de assentamento, continuasse no mesmo local.

A decisão de permanecer às margens da BR - 010 implicou numa considerável proximidade da cidade e num distanciamento significativo dos lotes, sub-áreas de aproximadamente 35 hectares.

Hoje na agrovila os assentados dispõem de moradias que se diferenciam muito do período de acampamento, a grande maioria é construída de tijolos e oferece relativo conforto aos moradores, porém ainda há casas de madeira e de barro. No assentamento há também currais para os animais feitos de arame liso e de madeira serrada, poços artesianos, energia elétrica trifásica, pequenos açudes, barreiros e reservatório de água, que tem sido insuficiente para garantir o consumo das pessoas, o cultivo e criação dos animais. Através das lutas e organização das famílias foram construídas algumas estruturas públicas e comunitárias como: igrejas, casas das associações... A agrovila possui três igrejas:

No aspecto organizativo, os núcleos de famílias foram a principal forma organizativa do Assentamento Califórnia. Formados ainda quando estavam acampados às margens do Assentamento Itacira. A experiência representou um forte exercício de auto-organização e gestão do assentamento. Esses núcleos eram compostos de até quatorze famílias, chegando a um total de quatorze grupos. O núcleo de famílias era coordenado por duas pessoas, sendo uma efetiva e outra suplente. A experiência buscava orientar como poderia ser a convivência no assentamento em todos os aspectos.

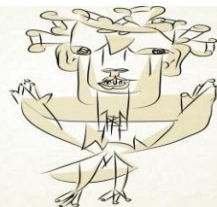
Ainda no acampamento foi construído um regimento interno que orientava as formas de trabalhar e produzir na terra, o uso dos recursos naturais, os direitos e deveres dos assentados, definia o perfil dos membros das instâncias de decisões e o papel dos coordenadores e coordenadoras dos grupos de famílias.

Essa forma de organização representou um dos pontos fortes no processo de transição de acampamento para o assentamento e permaneceu ainda nos primeiros anos, pois facilitava a tomada de decisões, a socialização de informações e a divisão de tarefas.

² Famílias que são ciperadas pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária no projeto de Assentamento.

³ Famílias que foram chegando depois, ou os parentes que foram formando famílias e continuaram morando no local.

⁴ Local de moradia onde foram construídas as habitações de todas as famílias, onde fica a infraestrutura pública e coletiva.



No decorrer do período, com a divisão de lotes, acesso a créditos, maior complexidade de gestão, a forma de organização por núcleos foi enfraquecendo, os grupos foram se desmembrando, as instâncias foram se extinguindo chegando a desaparecerem.

O enfraquecimento organizativo, pós criação do projeto de assentamento, divisão de lotes e acesso a créditos, mostra que por mais que a organização no acampamento tenha sido uma experiência importante, essa mesma forma organizativa não atende a complexidade do novo período em que as famílias se encontram. Há alterações significativas na forma de produção e reprodução da existência.

Com essa percepção das mudanças, outras tentativas organizativas foram sendo colocadas em prática. Os assentados estão organizados hoje em associações chegando ao total de cinco, são: associação Califórnia, associação Boa Esperança, associação São José, associação de apicultores, associação das mães e a associação de esporte. Atualmente as famílias estão em processo de criação de uma cooperativa envolvendo os produtores.

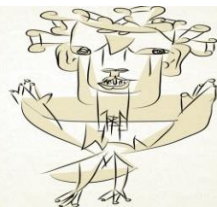
Durante aproximadamente quinze anos de existência e resistência, a comunidade tem enfrentado diferentes desafios que vão desde o confronto direto com o proprietário e demais fazendeiros da região nos primeiros anos, à luta constante pela sobrevivência e permanência no assentamento.

Percebe-se que os próprios assentados algumas vezes, são influenciados pelo oportunismo de empresários da região que estão nos centros urbanos. Há uma especulação das terras dos assentados por conta da proximidade da cidade e também a tentativa de instalarem projetos dentro do assentamento para se aproveitarem de forma privada da renda que a comunidade venha produzir.

A falta de incentivos, políticas públicas, assistência técnica, escolaridade e conhecimentos específicos no tocante à potencialidade e qualificação da produção e da gestão de empreendimentos e projetos que venham produzir uma renda coletiva, facilita a entrada de empresários que detém capital e influências políticas no município. Há uma hegemonia do grande sobre o pequeno, o assentamento não está fora desse contexto.

Em se tratando da juventude, faltam alternativas de trabalho e renda para os jovens que vivem no assentamento, pois não conseguem se inserir no processo produtivo de forma a ter uma renda para si mesmo. O máximo que conseguem é contribuir com o seu trabalho para o sustento de toda a família.

A convivência e confronto com as grandes empresas instaladas no campo do município e região, tem acirrado os problemas organizativos, a venda de lotes e com isso a entrada de novas pessoas no assentamento que não fizeram parte da luta pela terra. Há dificuldades visíveis das famílias em se manterem através da produção na terra, sendo que



alguns membros têm que sair para vender a força de trabalho fora, seja diariamente ou em alguns períodos, como meio de complementar a renda. Como afirma (BARTRA, 2011),

“...contrariamente ao operário típico, o camponês não necessita totalmente dos meios de vida. A força de trabalho que lança ao mercado constitui somente uma parte de sua capacidade de trabalho total e a renda que adquire por este conceito não tem que responder, necessariamente ao custo de reposição da força de trabalho vendida, pois será somada ao restante dos rendimentos de sua unidade econômica e de cujo total resultará, sem dúvida o sustento da família (p. 48)

Com a entrada de novas pessoas ou mesmo com influência de grupos externos, percebe-se que no assentamento os interesses antagônicos que permeiam a vida coletiva têm gerado disputas internas que dificultam a unidade e direção coletiva entre os grupos organizados. As dificuldades enfrentadas têm fragilizado bastante a organização das famílias e a atuação do próprio MST.

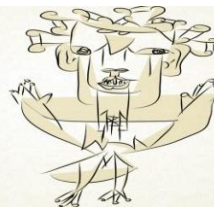
Além da questão organizativa, as famílias enfrentam os impactos ambientais provocados pela plantação de eucalipto e carvoarias industriais da região que estão vinculadas ao projeto hegemônico de desenvolvimento para o campo e, concomitantemente, atrelado às estratégias do capital.

A empresa Suzano Papel Celulose é proprietária de um dos maiores empreendimentos implantados na região no momento. A mesma tem recebido todo apoio estatal tanto estruturalmente como no processo de sedução da população. A empresa junto ao estado vem construindo mais uma vez, no imaginário de jovens e adultos, a ilusão de que o progresso está chegando e trará emprego, renda e desenvolvimento para todos.

Outra preocupação é a chegada da Suzano Papel Celulose, uma das maiores produtoras de papel do planeta. A empresa divulgou que o principal motivo de sua instalação no maranhão é a existência do grande volume de água – um dos principais insumos na produção de pasta de celulose, suficiente às suas demandas de produção de celulose da fábrica de celulose que pretende instalar em Imperatriz, que é de grande porte. O projeto da empresa no Maranhão prevê uma produção voltada 100% para exportação, é muita água brasileira gasta para enriquecer ainda mais as empresas... Esse é mais um empreendimento que contribuirá para que a realidade da agricultura familiar no estado se torne cada vez mais difícil... (Atlas político-jurídico do trabalho escravo contemporâneo no Maranhão, 2011, p. 30)

A hegemonia do projeto do agronegócio, produção extensiva de monoculturas com uso de agrotóxicos, ou a exploração e apropriação das riquezas naturais e minerais por meio das grandes empresas transnacionais, tem se sobreposto às alternativas da pequena agricultura. No Maranhão, os pequenos agricultores produzem ainda de forma bastante artesanal o que as vezes é insuficiente manter o sustento da família.

Mesmo o assentamento Califórnia contando com um grupo de dirigentes que assumem a condução do assentamento, esse contexto de lutas e contradições tem feito com



que algumas lideranças se encontrem bastante envolvidas e seduzidas pelos políticos, empresários e representantes das grandes empresas da região. Entretanto, há os que possuem muita clareza sobre os desafios internos e os do próprio MST nesse novo contexto da luta de classes. Estes continuam comprometidos com os princípios do Movimento e com a autonomia coletiva do assentamento.

O Assentamento Califórnia no contexto da luta pela produção da existência no município de Açailândia

Percebe-se que no assentamento a produção para a maioria das famílias é, ainda, basicamente para subsistência, desenvolvida de forma bastante rudimentar com pouquíssimas tecnologias. Às vezes utilizam horas de tratar de esteira para arar a terra, algumas técnicas e tecnologias para criação do gado, no cultivo da pimenta e do urucum e na produção do mel, mais de forma muito insipiente.

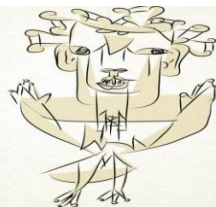
No tocante a relação com a terra, algumas famílias a veem como unidade de produção que deve gerar lucro, outras como meio de produção e reprodução da existência de todos os seus membros. As famílias são famílias ramificadas, na definição de (Mauro Almeida, 2007) não necessariamente vivem na mesma casa, mas mantêm laços.

O assentamento se destaca na produção de legumes e verduras, sendo esse tipo de produção, a que mais envolve a juventude, as mulheres e até mesmo as crianças, outras na criação de gado leiteiro. A força de trabalho na sua grande maioria é familiar. A produção se dar nos lotes individuais ou nos quintais dentro da agrovila, às vezes utilizam alguma forma de cooperação, isso motivou a criação das diversas associações e de uma cooperativa que foi registrada em 2011.

Em relação à produção e reprodução da existência, vale considerar as plantações dos quintais na agrovila, galpão de criação de abelhas e produção de mel e os demais cultivos e criações desenvolvidos nos lotes⁵. Há ainda outras formas de trabalho como o cultivo de hortaliças na própria agrovila e criação de galinhas e outros animais de pequeno porte.

A comunidade enfrenta muitas dificuldades no tocante à comercialização da produção, a mesma é feita basicamente em Açailândia e Imperatriz ou no próprio assentamento por meio de atravessadores. Poucos acessam programas do governo como PAA – Programa de Aquisição de Alimentos e PENAE – Programa Nacional de Alimentação

⁵ Área de terra de 35 hectares dividida por família, fora da agrovila onde as mesmas desenvolvem os projetos produtivos.



Escolar. Há famílias que não conseguem produzir excedente e acabam vendendo o próprio alimento destinado à auto-sustentação.

A região dispõe de um mercado promissor, pois o assentamento está próximo às cidades mais importantes do sul do estado, Açailândia e Imperatriz. Açailândia possui a segunda economia do estado e situa-se no maior entroncamento rododiferroviário da região.

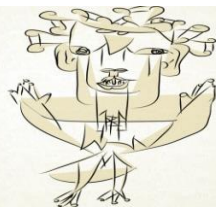
O assentamento Califórnia não se difere das demais populações pobres do município que experimentam cotidianamente a ausência de políticas públicas efetivas. Se o assentamento representa algum avanço em relação às demais comunidades, provém da luta e organização das famílias, a exemplo das mínimas conquistas em relação à saúde, educação e infraestrutura.

Sobre a saúde, depois de longos anos sem dispor de nenhum atendimento médico, os assentados pressionaram o poder público para garantir a construção, estruturação e funcionamento de um posto de saúde. O mesmo foi construído ainda nos primeiros anos de assentamento. Atualmente funciona de forma precária com poucos recursos para os atendimentos básicos, mas existe acompanhamento médico.

No tocante à alimentação que faz parte da mesa das famílias, é basicamente o arroz, feijão, carne, agora com uma maior produção de hortaliças e legumes na própria comunidade percebe-se uma inserção desses alimentos nas refeições. Todavia, a alimentação ainda é pouco diversificada, seja por uma questão cultural e/ou pelas condições de algumas famílias. Ainda há pouca inserção de frutas e verduras e bastante influência alimentar dos produtos industrializados comprados na cidade, ou seja, não há nas refeições uma diversidade de alimentos que contenham os nutrientes necessários para uma alimentação saudável.

Em relação ao saneamento, o assentamento possui apenas um sistema de distribuição de água, que foi conquistado pela comunidade através das lutas junto ao MST e em parceria com a Prefeitura. Existe um poço artesiano que fornece água para todo o assentamento, essa água não tem nenhum tratamento adequado e depois de muitos tensionamentos e dificuldades da comunidade em gestar a distribuição de água, as famílias acabaram passando essa conquista para uma empresa privada, o que atualmente consideram um prejuízo.

No que diz respeito ao lazer, no Assentamento não existem muitas alternativas além da quadra poliesportiva e do campo de futebol. As crianças e jovens improvisam algumas brincadeiras, os adultos frequentam as igrejas, mantêm grupos de danças tradicionais, organizam algumas festas em datas importantes como: aniversário do assentamento, festas juninas, dia das mães etc.



A grande atração da juventude é o campo de futebol, não somente nos finais de semana, mas em quase todas as tardes. Têm surgido também alguns bares com características de clubes que tem sido o ponto de encontro não só da juventude, mas dos adultos e até crianças. Os bares se constituem em espaços de diversões e também têm ocasionado alguns problemas de relacionamento, devido ao consumo de bebidas alcoólicas.

No tocante à moradia, pouquíssimas ainda são precárias, a maioria está em condições minimamente adequadas. Nos primeiros anos do Assentamento Califórnia as moradias eram feitas de pau-a-pique, cobertas e tapadas de palhas de coco babaçu ou até de lona preta, essa situação deixava os assentados em constante perigo, principalmente no período das queimadas. Depois de três anos, o assentamento conseguiu via INCRA um projeto de habitação onde foram construídas casas de tijolos para todos os cadastrados. As casas são de modelo padronizado, contendo uma sala, uma cozinha, dois quartos e um banheiro, a maioria dos assentados já acessou recursos para acabamentos e ampliação.

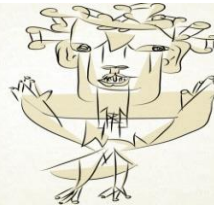
No que se refere a educação, a Escola Municipal Antônio de Assis, constitui-se numa conquista importante, a partir de muita luta dos assentados. As famílias desde o período de acampamento não aceitaram que seus filhos fossem privados do acesso à educação escolar. A Escola municipal oferece Educação Infantil e Ensino Fundamental, além de sediar o Ensino Médio, do primeiro ao terceiro ano pela rede estadual.

Compreendemos que os acontecimentos experimentados pelo assentamento nos seus dezessete anos de existência e as alterações de cada período influenciam a organização interna, o trabalho, a relação com a terra e a vida cotidiana das famílias em todas as dimensões da existência.

Há múltiplos fatores que influenciam uma determinada realidade, podendo produzir resultados diferentes de acordo com a correlação de forças existente. Em relação ao assentamento Califórnia, percebe-se que os profundos impactos ambientais provocados pelas empresas, as características socioculturais da população, atrelado às estratégias do capital para região, demandaria um estudo mais denso sobre a produção e reprodução da existência no assentamento.

Nota-se que por mais que haja certo esforço por parte das famílias, de mostrar que são capazes de produzir a existência pautada por um projeto de desenvolvimento que promova a diversificação das culturas, o desenvolvimento do trabalho produtivo coletivo, conciliado com a preservação da vida e das riquezas naturais, essas iniciativas não encontram respaldo externo do poder público, com pesquisas, estudos, financiamentos, assistência técnica que seja capaz de dar sustentabilidade ao que está sendo construído.

Percebe-se, a urgência em acumular forças para pautar com a sociedade, o debate sobre qual projeto de desenvolvimento deve atender as reais necessidades das



populações do campo e da cidade. As pequenas alternativas individuais ou de grupos coletivos são importantes, mas insuficientes. Mesmo que haja no assentamento algumas iniciativas contra hegemônicas em curso, as condições objetivas de mantê-las e fortalecê-las são bastante desfavoráveis e não dependem apenas da vontade nem da ação prática das famílias assentadas.

2.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTRA, Armando (Bartra Vergés). **Os novos camponeses: leituras a partir do México profundo**, São Paulo: Cultura Acadêmica; Cátedra Unesco de Educação e Desenvolvimento Rural, 2011.

CENTRO DE DEFESA DA VIDA E DOS DIREITOS HUMANOS DE AÇAILANDIA. Org: Antonio Filho, Nonato Masson, Reynaldo Costa. **Atlas político - jurídico do trabalho escravo contemporâneo no Maranhão**. Imperatriz- MA: Ética, 2011.

IBGE de 2010. <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ma> Acessado em: 08/03/2014

ALMEIDA, Mauro Willian Barbosa. **Narrativas Agrárias e a Morte do Campesinato**, Ruris, Volume 1, Número 2, 2007.